

Sobre o que é documentário?

O documentário “Ocupação Hotel Cambridge” apresenta os moradores de uma ocupação no Centro da Cidade de São Paulo, denominada Ocupação Hotel Cambridge, pertencentes ao movimento dos sem tetos FLM – Frente de Luta por Moradia.

Com a intenção de desmistificar a visão preconceituosa e deturpada criada pela mídia sobre os sem tetos, registraremos o dia a dia dos moradores da Ocupação Hotel Cambridge, mostrando suas relações com os familiares e com os moradores da ocupação. Ressaltando que são pessoas comuns, que trabalham, estudam, brincam, têm obrigações, sonhos, sentimentos e gostos dos mais variados, como qualquer cidadão que habita a cidade de São Paulo.

Por meio do cotidiano das mulheres, de suas funções sociais de liderança, organização e força dentro de uma ocupação, mostraremos em uma segunda camada o que é um movimento de moradia, seu funcionamento, suas regras e direitos. Trazendo assim o retrato da militância diária pelo direito a moradia na cidade de São Paulo.

Uma visão poética sobre superação e ressocialização em uma metrópole, por meio dos seus moradores, esse que serão entrevistadas, dando depoimentos pessoais, assim como apresentados em imagens registros de suas rotinas dentro da ocupação.

A importância do documentário

Estamos em uma cidade muito desigual entre seus habitantes, no aspecto moradia. Existe um déficit habitacional muito grande na cidade que empurra o cidadão de baixa renda para favelas, cortiços e outras condições insalubres. Os movimentos de moradia possuem uma lógica de cooperativismos, em que todos ajudam nas tarefas e demandas, no entanto é visível que a organização, as decisões e principalmente a participação das mulheres é o que mantém ativa a luta para permanecerem definitivamente no prédio.

O documentário *Ocupação Hotel Cambridge* apresenta um diferencial: sua abordagem humana e pessoal que destacará o ponto de vista dos moradores, estes, sem teto, de baixa renda, pertencentes a faixas etárias e nacionalidades diversificadas. Assim representam a diversidade presente em uma ocupação, que abriga 200 famílias, cada uma com uma história, costumes e culturas diferentes, mas todas unidas por um objetivo em comum, a conquista do direito de moradia. Acompanharemos seus cotidianos, em casa, na convivência com os familiares, com a intenção de quebrar a visão deturpada que a mídia, que não é um

instrumento neutro com a função ou missão de informar, veem criando a respeito dos sem tetos e dos movimentos sociais de moradia, e que já virou um consenso na sociedade: de que os sem tetos são violentos, não trabalham, roubam e invadem propriedades dos seus legítimos donos. Mostremos por meio de um filme intimista, que são pessoas comuns, que tem desejos, sonhos, sentimentos, obrigações e gostos, como qualquer ser humano que sobrevive em uma metrópole.

Pretendemos destacar essas “personagens invisíveis” ao cotidiano burguês, com a intensão de minimizar um pouco o preconceito e a exclusão, mas sem apelar para ideologias, ou levantar bandeiras partidárias. O papel e o funcionamento de um movimento de moradia, a FLM, estará presente apresentado através dos moradores, que trabalham, estudam, se politizam, se organizam e exercem funções na luta pelos seus direitos, de seus familiares e dos moradores que estão sob suas orientações, almejando uma melhor condição de vida econômica e social. O filme justifica-se por retratar não apenas a luta pela conquista de um teto para se proteger, mas a importância da ressocialização, e da coletividade dentro da nossa sociedade.

Estrutura para filmagem e edição

Curta metragem documentário, digital, de aproximadamente 25 minutos de duração. Um filme onde exploraremos a proximidade com os moradores da Ocupação Hotel Cambridge, nada será encenado, e buscaremos o mínimo de interferência nas relações. As entrevistas serão realizadas dentro dos espaços íntimos de seus apartamentos, dessa forma será destacada também a relação desses moradores com seus espaços particulares. Assim trata-se também de um filme de observação do espaço, com planos f captando o cotidiano, o dia a dia na ocupação, como uma câmera de registro.

Serão intercalados depoimentos (trechos tirados de entrevistas) realizados com os moradores da ocupação, com imagens registros dos seus cotidianos (dentro da ocupação). Assim como imagens do espaço do Hotel Cambridge, e do dia a dia dos moradores nos corredores e espaços de convivência comunitária da ocupação Hotel Cambridge, que serão também utilizadas como cobertura para ilustrar alguns trechos das entrevistas. A voz será em off o tempo todo, já que é uma voz coletiva. A voz de um morador da Ocupação representa o coletivo, assim não faz sentido mostrar talking head.

Para o roteiro de edição – foco em algumas das principais entrevistadas:

Dona Carmen – entrevista realizada no Hotel Cambridge. Imagens de Dona Carmen orientando moradores dentro do Hotel Cambridge (como por exemplo, inspecionando um mutirão, ou realizando vistoria nos apartamentos dos moradores), e nas reunião do grupo de base com suas filhas e coordenadoras do Hotel Cambridge.

Magali – entrevistas realizada no Hotel Cambridge dentro de seu apartamento. Imagens da Magali com as filhas cozinhando ou limpando a casa e ouvindo música. Imagens da Magali brincando e cuidando das netas. Imagens da casa da Magali, mostrando a coleção de filmes e sapatos, e as fotos de estrelas do cinema coladas nas paredes. Imagens da Magali na reunião de base junto com as filhas. Imagens da Magali em uma ação coletiva (manifestação, passeata) com as filhas.

Raquel – entrevistas realizada no Hotel Cambridge dentro de seu apartamento. Imagens da Raquel subindo e descendo as escadas do prédio para auxiliar as famílias moradoras. Imagens da Raquel trabalhando no escritório dentro do Hotel Cambridge, atendendo e orientando um morador. Imagens da Raquel com o filho e o marido em casa. Imagens da Raquel tentando arrumar a casa enquanto moradores batem na sua porta para pedir ajuda para resolverem alguma situação. Imagens da Raquel na reunião do grupo de base.

Dona Eliana – entrevista realizada no Hotel Cambridge dentro de seu apartamento. Imagens da Dona Eliana participando de mutirões. Imagens da Dona Eliana ajudando e conversando com moradores da ocupação. Imagens de Dona Eliana trabalhando com Seu Zé, puxando a carroça e entregando o material reciclável. Imagens de Dona Eliana recebendo seus filhos e netas em seu apartamento. Imagens de Dona Eliana lendo um livro enquanto Seu Zé assiste televisão.

Aldisa (família boliviana) – entrevista realizada no Hotel Cambridge dentro de seu apartamento. Imagens da Aldisa brincando com seus irmãos dentro do apartamento.

Dona Deuzuite – entrevista realizada no Hotel Cambridge dentro de seu apartamento. Imagens da Dona Deuzuite coordenando o mutirão de limpeza de seu andar. Imagens de Dona Deuzuite reunida com os filhos (a adolescente Elda, as duas filhas mais velhas, e o filho que mora em uma república) em seu apartamento, conversando, cozinhando.

Imagens de cobertura – do espaço do Hotel Cambridge; dos moradores trabalhando na ocupação (mutirões); das crianças brincando; dos moradores nos corredores e espaços de convivência comunitária do Hotel.

Obs: as imagens selecionadas para filmagem foram baseadas em pesquisas realizadas por integrantes da equipe técnica (Andrea Mendonça, Alexandre Calado e Rodolfo Azevedo) na qual observaram o cotidiano dos moradores dentro do Hotel Cambridge aproximadamente por um ano para realização do

curta-metragem $\frac{1}{2}$ kg. Dessa forma tratam-se de acontecimentos corriqueiros, que não serão encenados como em uma ficção, mas registros da realidade, onde estarão lidando com os imprevistos, por isso o motivo de apresentar no presente projeto um guia de filmagem em vez de um roteiro fechado dentro dos padrões técnicas.

Material de Pesquisa (inclui trechos de entrevistas já realizadas para guia de edição)

As 8 mulheres – perfil das protagonistas/entrevistadas

1) Carmen da Silva Ferreira – líder da ocupação Hotel Cambridge.

Dona Carmen, 53 anos, retirante de Salvador (Bahia), chegou sozinha em São Paulo em 1994, em busca de um emprego que proporcionasse uma melhor condição financeira para sua família. Se deparou com uma realidade diferente de seus sonhos, onde precisou usar o serviço social da Prefeitura: os albergues. Em 1996 em um abrigo conheceu uma senhora envolvida com movimento de moradia, passou a frequentar as reuniões, os seminários, e começou a participar da organização na coordenação. Morou pela primeira vez em uma ocupação em 1997, na Av. 9 de Julho 584, um prédio do INSS, abandonado há mais de 20 anos.

Dentro do movimento de moradia seu maior ganho foi o aprendizado, através do qual se politizou e estudou. Com um endereço fixo se estabilizou financeiramente, conseguindo trabalho, onde está até hoje como gerente comercial, e assim teve condições financeiras de trazer a família para São Paulo. Atualmente cursa a universidade, e é uma das líderes do MSTC (Movimento dos Sem Teto do Centro), com lideranças ligadas ao FLM, um dos principais movimentos por moradia na Capital. Seu papel como líder do movimento é organizar as famílias, formar outras lideranças, planejar, e cobrar políticas públicas para atender os moradores que estão sob sua liderança.

Para alcançar seus objetivos, teve que abdicar da família, não viu os seus filhos menores crescerem, não vê seus netos crescerem, e não consegue dar a atenção que gostaria para seus familiares. A solução que encontrou foi trazer a família para a luta por moradia, mostrando o motivo de estarem juntos hoje em dia, da melhoria financeira e social. Seus filhos participam do movimento atualmente, uma de suas filhas é conselheira tutelar.

Para Dona Carmen o movimento significa mudança, oportunidade, ressocialização, força, união e vida.

2) Magali Maria Silva – coordenadora interna e moradora do 5º andar.

Magali, 47 anos, participa do movimento de moradia há 17 anos, e está na FLM há 2 anos. Criou suas três filhas sozinha, dentro do movimento de moradia, pois nunca teve condições financeiras de pagar aluguel. Suas filhas sabem o que é o movimento e participam ativamente. Atualmente cria suas duas netas que nasceram e vivem dentro da ocupação.

Trabalhou durante muitos anos registrada no Correio fazendo serviço de manuseio, etiquetagem e envelopamento, e também como copeira. Uma das ocupações em que morou foi um hospital desativado.

Participou do movimento de ocupação do Hotel Cambridge, sendo a segunda pessoa a entrar no prédio, fez parte de todos os mutirões para limpeza, reforma e manutenção do prédio. Atualmente é coordenadora do 5º andar, e desempenha as funções de organizar e orientar as famílias, festas, passeatas, e atos junto aos demais coordenadores e a líder.

Magali tem uma coleção de sapatos, e adora os filmes românticos. Quando não está trabalhando, participa dos almoços familiares; passeia; arruma a casa ouvindo música, ou faz bolo e pipoca na companhia de suas filhas.

O movimento para a Magali significa amor e união, não sabe mais viver sem o movimento, e está nele pelas suas filhas, que estão em primeiro lugar em sua vida e pelas quais luta diariamente, sempre dizendo: tudo nessa vida tem que valer a pena.

3) Raquel Cristiane Pereira Nogueira – coordenadora interna, secretária da associação e moradora do 12º andar.

Raquel cresceu na zona sul de São Paulo, no Capão Redondo. Mudou-se para a Bela Vista com 15 anos, para trabalhar com o irmão na organização de aluguéis de cômodos dentro de pensões.

Com 15 anos se casou e começou a viver de aluguel, sonhando em ter casa própria desde os 6 anos de idade. Para Raquel a casa dá dignidade, autonomia, e proteção para os filhos. Dessa forma o movimento social de luta por moradia foi uma descoberta e a possibilidade de conseguir a casa própria.

Atualmente com 32 anos é uma das mais novas integrantes do movimento, coordenadora interna do 12º, 13º e 14º andar, secretária da associação, trabalha e vive para o movimento Frente de Luta por Moradia. Mora no 12º andar com o marido e o filho adolescente. Seu papel como coordenadora é organizar; explicar a importância dos atos e passeatas; explicar o que é a luta por moradia; passar os informes do movimento e dos acontecimentos dentro da ocupação; fazer reuniões; e auxiliar na busca de uma boa convivência entre os moradores. Raquel também aprende sobre políticas públicas e repassa seus conhecimentos para os moradores, preocupada em cumprir um dos lemas do coordenador, que é não reter informação.

Para Raquel o movimento significa inserção na sociedade, oportunidade, perspectiva, e reconstrução.

4) Eliana Barros Torres – carroceira, moradora do 3º andar.

Dona Eliana, 63 anos, é vaidosa, está sempre com as unhas pintadas, bem vestida e de tamanquinho nos pés, mas para enfrentar o trabalho pesado de puxar a carroça, prende os cabelos, coloca boné e calça o tênis.

Estudou até o primeiro colegial (1º ano do Ensino Médio) no Colégio São José em Maceió. Seu primeiro trabalho foi como office girl de um escritório. Casou-se aos 15 anos.

Há 20 anos uma senhora a convidou para morar em São Paulo e tomar conta de pensionato de rapazes e moças. Na época com o marido, 3 filhos, e uma filha, mudou-se de Maceió para São Paulo.

Em 2002, já viúva, Dona Eliana foi atropelada por um carro e o médico lhe disse que nunca mais andaria. Com medo, mas muito esforço, aos poucos voltou a andar, e decidiu trabalhar como carroceira, enfrentando o preconceito familiar, e as dificuldades físicas, hoje em dia puxa uma carroça que vazia pesa 100 kg.

Vende há mais de 10 anos material reciclável em um depósito no Cambuci, onde conheceu seu companheiro, Seu Zé, e atualmente trabalham juntos como carroceiros. Também trabalha vendendo brinquedos seminovos que ganha de uma fábrica em uma feira no Brás.

É a primeira vez que mora em uma ocupação, sempre morou de aluguel, mas não tem mais condições financeiras para pagar, devido aos reajustes. Entrou no Hotel Cambridge no 2º dia de ocupação. Apelidada de formiguinha pelos moradores, por ser muito pequena e não parar quieta, é uma das moradoras mais participativas dentro da ocupação, está em todas as reuniões, assembleias, e mutirões, e gosta de ajudar os seus companheiros.

Seu sonho é aprender a usar o computador, para deixar a vida dura de carregar peso todos os dias. A ocupação significa para Dona Eliana a oportunidade de ter sua casa própria.

6) Aldisa Aparecida Chaves Galindo – criança, filha de camelôs bolivianos, moradora do 8º andar.

Aldisa, 9 anos, é filha de bolivianos. Sua mãe, Dona Maria, vive há 30 anos no Brasil, onde nasceram seus 8 filhos. Desde janeiro de 2013, Aldisa mora na ocupação Hotel Cambridge, com seus pais e os irmãos: Kelvin (10 anos), Rafael (7 anos), Hugo (6 anos), e Kauê (1 ano e 4 meses).

A família morava de aluguel em uma casa pequena em Cangaíba (Zona Leste de São Paulo). Mas atrasados no pagamento por conta de dívidas, perderam móveis, máquinas de costura, e o carro. Já na beira da rua, seus pais souberam da ocupação por meio de um colega de trabalho. Aldisa e seus irmãos sentem falta da casa, e não gostam de morar na ocupação, por não ter espaço para correr e andar de bicicleta, e seus pais não tem tempo para levá-los ao parque.

É uma família reservada e calma, que gosta de passar o tempo em casa assistindo filmes quando não estão trabalhando. Mas também participam nas tarefas e obrigações da ocupação: mutirões de limpeza, assembleias, passeatas, e reuniões. Atualmente Aldisa acorda todos os dias de manhã, escova os dentes, toma chá, e vai para a escola, onde fica até as 12h00. A tarde, de volta ao Hotel Cambridge, cuida dos irmãos, da casa, e faz a lição de casa. A noite, enquanto seus pais trabalham como camelôs em feiras no Brás, Pari e Centro, vendendo roupas e outros acessórios, Aldisa cuida de seu irmão mais novo, Kauê, o qual praticamente criou. Apesar da pouca idade a menina já tem tarefas de adultos, pois é tradição entre os bolivianos ensinar os filhos desde pequenos as tarefas domésticas.

Aldisa gosta de brincar, assistir filmes e fazer desenhos. Tem muitos amigos na ocupação, colegas da mesma escola, pois faz amizade rapidamente, mas a mãe protetora, não deixa a filha solta pelos corredores do prédio, afastando-a dos amigos. Aldisa tem esperança e sonha quando assiste televisão, e um dia gostaria de enviar uma carta para tornar-se “princesa por um dia”, ou para reformar o apartamento do Cambridge ou ganhar uma casa do “programa do Gugu”.

Para os pais de Aldisa, já legalizados no país, a ocupação significa a esperança de ter a casa própria e um emprego registrado em alguma empresa, mas ainda sofrem muitos preconceitos no país, e sentem falta das tradições bolivianas.

8) Edelzuita de Carvalho Oliveira, cozinheira, ex-moradora de rua, coordenadora geral da limpeza, moradora do 2º andar.

Dona Edelzuita, 47 anos, é ex-moradora de rua, e já sofreu muito preconceito por ser pobre e negra. Tem 8 filhos: três moram em abrigo e um mora em uma república. O filho de 22 anos não se adaptou na ocupação, por ser usuário de drogas, foi expulso e atualmente mora na rua. Uma filha é casada, tem duas crianças e mora em Osasco. A filha mais velha, Elaine, é casada, trabalha, estuda engenharia, mora de aluguel, mas irá receber seu apartamento através do Minha Casa Minha Vida em 2015. E na ocupação Hotel Cambridge Dona Edelzuita mora com a filha Elda de 16 anos, e o genro boliviano.

Atualmente Dona Edelzuita trabalha como cozinheira de segunda a sexta das 08h00 às 17h00 em uma residência familiar no Tucuruvi. É moradora da ocupação Hotel Cambridge desde janeiro de 2013, sendo coordenadora geral da limpeza, e coordenadora interna responsável pelo 2º andar. Sua função é fazer vistoria nos apartamentos verificando se estão adequados para receber a Prefeitura; auxiliar na resolução de problemas entre os moradores; acompanhar e orientar a limpeza do prédio; guardar os produtos de limpeza; anotar no caderno quem participa dos mutirões de limpeza; e acompanhar Dona Carmen nas reuniões internas. Quando não está trabalhando visita os filhos que moram em abrigo aos finais de semana, e frequenta a Igreja evangélica.

Na ocupação é participativa, gosta de ajudar aos outros, e procura afastar-se de brigas e discussões. Dona Edelzuita gosta de morar no Hotel Cambridge, pois acredita que morar no Centro é ter certa comodidade, por ser fácil o deslocamento pela cidade, pela proximidade à médicos, comércio, mercados, etc. A ocupação significa a possibilidade de reunir a família e ter emprego. Sonha com uma casa grande com um quarto para cada filho, ver todos juntos, estudando, trabalhando, e felizes.

O movimento de moradia na cidade de São Paulo

Em meados da década de 80, São Paulo era local de muitas lutas sociais. Os movimentos trabalhavam pela implementação de políticas públicas para habitação. No período entre 1984 e 1988, aconteceram as primeiras experiências de mutirões, nas administrações de Jânio Quadros e Mário Covas. O Governo oferecia terra e material de construção e as famílias construía suas casas no regime de autoconstrução.

No final dos anos 80, os movimentos se articularam em torno da proposta dos mutirões de auto-gestão, os quais vinham de uma experiência dos movimentos e das cooperativas do Uruguai. Sendo consolidado com a gestão de Luiza Erundina (janeiro de 1989 à janeiro de 1993), que transformou os mutirões em políticas públicas. Mais de 10.500 unidades habitacionais foram criadas no regime de auto-gestão por mutirão, em uma parceria direta entre as associações e movimentos organizados, que tiveram o poder de gerir e decidir sobre os trabalhos que realizavam. Os mutirões foram experiências de auto-gestão que fortaleceram os movimentos por moradia.

Os movimentos intensificaram a luta por criação de leis, conselhos, fundos destinados à habitação popular. Foi fundado o Conselho Municipal de Habitação e conseqüentemente o primeiro Projeto de Lei de Iniciativa Popular que criou o Sistema, o Fundo e o Conselho Nacional por Moradia Popular no Brasil (Lei 11.124/05).

Com o deslocamento do centro financeiro da cidade de São Paulo para a Av. Paulista, o Centro tornou-se o Centro Velho. Na década de 90, já totalmente decadente e ocioso, era movimentado apenas no horário comercial, principalmente por suas lojas e bares, mas desabitado por moradores, repleto de prédios vazios e hotéis de luxo falidos. Com a intenção de reocupar o Centro Velho, a partir de 1996 se intensificaram os movimentos de moradia, ocupando os prédios e hotéis abandonados; trazendo os trabalhadores para as áreas urbanizadas, perto do mercado de trabalho; assim como oferecendo um endereço fixo para o cidadão que não tem mais condições financeiras de acompanhar o aumento constante e abusivo do aluguel.

No final dos anos 90, a articulação dos movimentos de moradia da cidade de São Paulo em uma única frente de luta, surgiu da necessidade comum entre os movimentos de uma política de ação direta que desse visibilidade à urgência de

um plano habitacional digno. Chamando a atenção da sociedade e dos poderes públicos para os vazios urbanos que estão à espera de valorização imobiliária, enquanto pessoas, sem ter onde morar, são arrastadas para a periferia da cidade, muitas vezes ocupando áreas de preservação ambiental.

Dentre essas articulações, destaca-se a formação da Frente de Luta por Moradia (FLM), um coletivo de luta por moradia, formado inicialmente pelo Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), Fórum de Moradia e Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Fomaesp), Fórum de Mutirões, Movimento Quintais e Cortiços da Região da Mooca, Movimento Terra de Nossa Gente, e por quatro grupos que se uniram no Movimento Sem Teto pela Reforma Urbana (14 de Janeiro, Grupo da Água Rasa, Grupo Colorado e Setor 8, todos da zona leste). Composto por representantes de movimentos com experiência na busca por moradia no Centro Velho, com experiências em trabalho de base, associações de bairro, e organização em cortiços. Muitas das lideranças que se juntaram à composição da Frente vieram das práticas dos mutirões de auto-gestão.

Atualmente a cidade de São Paulo é refém da especulação imobiliária, que vem aumentando o valor das casas e dos aluguéis, apresentando um déficit habitacional de aproximadamente 900 mil. Sem condições para comprar ou alugar uma casa, muitos de seus habitantes passam a viver em situações de preconceito e exclusão: nas ruas, nas favelas, em áreas de riscos.

A luta da FLM é por uma reforma urbana em que os pobres também morem na região central, no sentido de diminuir os impactos ambientais com a expansão horizontal da cidade. Pela aprovação de instrumentos de política do desenvolvimento urbano pautando-se pelo Estatuto da Cidade/Projeto de Lei nº 181/1989, cujas diretrizes devem orientar a utilização de propriedades assegurando a função social do imóvel. Luta para que os imóveis de devedores da União, do Estado e do Município, as propriedades provenientes do enriquecimento ilícito (de corrupção, sonegação de impostos), assim como os imóveis fechados por mais de anos sejam desapropriados, e transformados em moradias populares. Somando seus esforços para conquistar projetos habitacionais por meio de um processo de luta popular permanente, com a participação intensa das famílias de baixa renda, em defesa de seus interesses econômicos, sociais e políticos para melhoria de condições de vida. Os movimentos que integram a FLM são comprometidos com a implantação de políticas públicas destinadas à população de 0 a 3 salários mínimos.

O funcionamento do movimento: da entrada na ocupação à conquista da moradia

Para entrar em uma ocupação o cidadão precisa ter critérios. O primeiro critério para quem ainda está fora do movimento é participar das reuniões do grupo de base. Na primeira reunião as líderes e coordenadoras explicam o que é o movimento e seu funcionamento. No grupo de base as famílias são encaminhadas

e orientadas, e o movimento funciona como um intermediário entre o cidadão de baixa renda e os direitos que a Constituição garante mas que na prática não cumpre, dessa forma o segundo critério é a formação crítica.

Dentro da ocupação o indivíduo é inserido na sociedade, de acordo com a dedicação pessoal, e para manter o seu espaço dentro da ocupação é necessário: cumprir as regras internas; seguir os horários; prezar por uma boa convivência, respeito, união e troca com os demais moradores; trabalhar pela divisão, preservação e manutenção do espaço físico; participar ativamente dos mutirões, reuniões, e passeatas. Os adultos desempregados são encaminhados para oportunidades de trabalhos, e à dar continuidade aos estudos com bolsas em universidades; as crianças e adolescentes são encaminhadas para as escolas; e os idosos têm acesso à atividades que ocupem o tempo ocioso.

O MSTC e a FLM não adotam pontuações, como destaca a mídia televisiva, mas têm o critério da PARTICIPAÇÃO. Por que a participação é o maior critério? porque dentro do movimento as famílias organizadas são orientadas, formadas, e politizadas, passando a ser agentes ativas com opiniões críticas e responsabilidades dentro da organização interna das ocupações e da luta por moradia. Já a pontuação pode dar vazão a corrupção, onde muitas famílias se fecham dentro de casa e pagam para outras realizarem suas tarefas, e assim aumentarem a pontuação.

A partir do momento em que ocupa-se um prédio, a luta do movimento é para que seja transformado em HIS, que é Habitação de Interesse Social, para as famílias que ganham de 0 a 3 salários mínimos. Os sem tetos pertencentes aos movimentos sociais de moradia não querem morar de graça, mas sim pagar dentro de suas possibilidades.

O movimento preza pelo ensino e formação de suas famílias, e atualmente um dos fatores da habilitação do movimento é acompanhar essas famílias quando adentram a casa própria, pois o senso de organização e responsabilidade é necessário para estarem preparadas principalmente à não venderem seus apartamentos ou serem despejadas.

Quando adquirirem a chave do apartamento, saberem lidar com a administração do condomínio, pagarem as despesas de água e luz, e terem uma prestação de contas clara.

A diferença entre invadir e ocupar

Na gramática da língua portuguesa são palavras sinônimas, mas do ponto de vista da vivência são opostas: ocupar, eu ocupo aquilo que está ocioso, vazio, sem função social. Invadir, eu entro naquilo que tem um proprietário, naquilo que tem alguém cuidando.

Antes dos sem tetos da FLM ocuparem um prédio vazio a líder realiza muitas pesquisas de imóveis, buscando prédios abandonados há pelo menos 10 anos,

sem função social, pois há um cuidado do movimento em não colocar em risco a vida das famílias.

O prédio quando ocupado está em situação de deterioração: repleto de lixo, animais pestilentos, focos de doenças, de acidentes e violências (muitos dos prédios são saqueados ou “frequentados” por usuários de crack, por vândalos, ou assaltantes). Os sem tetos em um sistema de trabalho coletivo realizam a limpeza, reforma e a manutenção necessária para que o espaço seja habitado, dessa forma, trazem melhorias para a região. É dada a função social à propriedade a partir do momento em que essas famílias passam a morar e preservar o espaço físico do prédio.

Hotel Cambridge: da ocupação à organização do funcionamento interno

O Hotel Cambridge foi fundado nos anos 50, na época hotel de luxo, abrigou diversas celebridades, como o cantor Nat King Cole. Com o passar dos anos entrou em falência, sendo fechado junto com a degradação do Centro da cidade.

A ocupação do antigo Hotel Cambridge se deu no dia 23 de novembro de 2012, por famílias sem teto, estas dentro dos critérios do Município para ter uma moradia digna. Tratava-se de um prédio desapropriado pela Prefeitura: com uma placa que dizia que a Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo) já havia adquirido para transformar em moradia popular. Mas que estava fechado há mais de 10 anos.

O movimento resolveu ocupá-lo para dar função social. E atualmente a demanda da ocupação Hotel Cambridge é para que as famílias ocupantes sejam as escolhidas para ingressarem no projeto habitacional definitivo: quando o prédio for reformado pela Prefeitura todas sejam proprietárias de seus apartamentos.

Quando o Hotel Cambridge foi ocupado estava em estado de calamidade pública devido a dois fatores: 1. O acúmulo do lixo: resulta na produção de chorume, dez vezes mais poluente que o esgoto, e atrai animais veiculadores de inúmeras doenças. Esse lixo acumulado também produz o gás metano (CH₄) e outros gases (como o gás sulfídrico), que causam odores desagradáveis e doenças respiratórias; escurecem a pintura dos edifícios vizinhos; e se torna explosivo quando mantido em local fechado. 2. O prédio apresentava pontos de energia, por meio de fios soltos e pendurados de suas paredes e tetos, que a qualquer momento poderia se juntar a água da mina que já havia subido até o mezanino, e explodir.

Os ocupantes retiraram cerca de quarenta caminhões de lixo do Hotel Cambridge em um período de 15 dias; acabaram com impregnações de animais; escoaram a água da mina; reformaram a caixa d'água, o sistema elétrico e hidráulico; instalaram extintores de incêndio em todos os andares; lixaram e pintaram o edifício; e etc. Atualmente dão continuidade a reforma e manutenção em sistema de mutirões com a participação de todos os moradores, com dinheiro

arrecadados de contribuições do movimento, de doações, e pela divisão entre os moradores, que pagam uma taxa mensal.

A princípio os moradores acampavam em um salão localizado no primeiro andar, a cozinha e os banheiros eram coletivos. Após a primeira etapa de reforma, os apartamentos foram ocupados (idosos e mulheres em situação de gravidez de risco nos primeiros andares, e jovens nos andares superiores, pois os elevadores foram saqueados, e devido ao alto custo de manutenção para reativá-los, todos se utilizam da escada para o deslocamento), e a líder estipulou um prazo para as famílias montarem seus apartamentos com o básico: cama, fogão e geladeira.

Foi instalado um regulamento interno: porteiro 24 horas que controla a entrada e saída dos moradores e visitantes por meio de um caderno de assinaturas; respeitar o horário do silêncio no qual a partir das 22h00 as crianças e adolescentes devem estar dentro de seus apartamentos, sem fazer barulho ou tumulto pelos corredores; é proibido fumar nos corredores e espaços convivência comunitária; é proibida a entrada com bebidas alcoólicas ou drogas; deve-se cumprir as escalas de limpezas diárias; etc.

A líder está em acordo com a Sabesp para ligar a tarifa social: serão instalados um relógio de água por cada andar, e o pagamento do que é consumido será dividido entre os moradores, pois a busca para estarem dentro da legalidade é necessária para exigirem seus direitos. O movimento é reconhecido pela Defensoria Pública, pelo Ministério Público, Conselho Tutelar, e está dentro da lei, sendo atualmente a ocupação Hotel Cambridge ainda considerada moradia provisória, pois as famílias continuam lutando pelo financiamento da casa própria.